



CAPITULO XXI

NORMALISAÇÃO DA ACTIVIDADE CONSCIENTE

Psychismo: aquisição, reforma e estabilidade. — Tendência á normalisação; formula da personalidade: iniciativa e habito. — Organização da actividade cerebral. — Condição physiologica da normalisação. — Propriedades e caracter dos mecanismos automaticos. — Habito, automatismo e vontade. — A consciencia nas reacções automaticas. — Habito de "contrôle". — Classificação dos habitos. — Aquisição dos habitos. — Reforma dos habitos. — Reflexo e habito. — Absorção dos reflexos.

1. A vida psychica organisa-se e caracteriza-se sob a forma de — normas que se instituem. As funcções conscientes definem-se no curso da vida livre, após o nascimento; e si as reconhecemos e distinguimos como *funcções*, é justamente porque, no seu desenvolvimento natural, ellas tendem a realizar-se, desde logo, sob o aspecto de processos regulares e distinctos. Quer dizer, as reacções de relação com o meio se fazem ordenada e systematicamente, com relativa estabilidade. Na realidade das cousas, o psychismo resulta das variações do meio exterior sobre o equilibrio da actividade interna, e responde á accommodação da uniformidade e estabilidade interior á instabilidade externa. Por conseguinte, os processos variam, quanto aos effeitos immediatos, na medida das exigencias de accommodação; mas, em essencia, elles têm a estabilidade, a systematisação e a uniformidade coherente da propria actividade interna, de onde derivam. O psychismo é a capacidade de ada-

ptação e de reforma pessoal, com a normalisação das novas reacções; ou, melhor: é a capacidade de reforma das normas individuaes, garantindo-se ás novas formas a necessaria *estabilidade*. Nas manifestações comuns da actividade consciente, essa necessidade de normalisação, essa tendencia á estabilidade, toma o nome de *habito*. E a experiencia nos mostra, de modo nunca desmentido, que, organizada a actividade psychica do individuo por um modelo qualquer, a força do habito manterá depois as praticas e as formas de acção.

2. A irresistivel tendencia á normalisação dos actos e á systematisação dos processos repercute na consciencia de modo caracteristico: dada uma excitação psychica, a reacção correspondente se cumpre difficilmente, pela primeira vez — sob a forma de attenção rigorosa e exclusiva... Repete-se amanhã a excitação: a reacção se faz mais francamente... Repete-se ainda... duas vezes, tres, quatro... Com isto, a realisação se vae tornando mais prompta e mais facil, até que toma o character de quasi expontaneidade, e converte-se em movimento automatico, sub-consciente. Dest'arte, *iniciativa* e *habito* dão a formula da vida psychica: iniciativa, porque as variações do meio o exigem; habito, porque o organismo é, em si mesmo — systematisação e uniformidade. Por isso, toda personalidade se apresenta como — uma organização de funções conscientes, orientadas intelligentemente, mas normalisadas e regulares, objectivadas numa successão de actos habituaes, *rhythmados*, de formas estaveis, constantes, si bem que possam e devam evoluir. De facto, a individualidade consciente é uma synthese de habitos, *dirigindo-se* e *querendo* intelligentemente. No domínio da actividade mental, devemos considerar como expressão dessa mesma tendencia á normalisação toda systematisação de processos, todas as formas fixadas e repetidas. A memoria, especialmente, traduz de modo implicito a realidade do habito. O proprio conhecimento só se explica pelo habito (pag. 93). O preconceito — é um

habito de ajuizar... A affectividade, pelo seu character subjectivo, é ainda mais fixada em habitos do que a intelligencia. Virtudes e vicios... sentimentos e paixões... são outros tantos habitos. E assim se desenvolve toda a vida moral. E' por isso que mais facilmente distinguimos e definimos os individuos pela moralidade do que pela intelligencia. Quanto á vontade, esta só existe realmente quando se firma no *habito superior* — de dominar os impulsos e de fiscalisar a conducta. Isto se faz como habito, mas é a essencia mesma do querer. Demais, a vontade lucida e caracterisada toma a forma de uma norma ou *regimen de vida*: ha um *habito de querer*, isto é, de não fugir, nem esquivar-se, em face das situações que a vida vae continuamente offerecendo, e de procurar resolvel-as intelligentemente. A relação do habito com a vontade inclue um dos mais importantes capitulos da Psychologia, porque, como veremos dentro em pouco, a caracterisação do individuo e a sua efficiencia dependem muito da forma que tomam essas relações.

3. O habito corresponde essencialmente a uma propriedade geral da materia viva, e de certo modo da propria materia bruta: a propriedade de accommodação dynamica. Impressionada a substancia de um corpo qualquer, sob o choque das vibrações que o agitam, a sua contextura intima se modifica um tanto, guarda vestigios das impressões recebidas, e de certo modo se ajusta ás acções que se repetem. Nos seres vivos, esse factio se pronuncia de modo patente e necessario. O protoplasma assimila as formas dos choques e das vibrações que o impressionam, como assimila os proprios alimentos. Nisto se resume a realisação adaptativa. Esta assimilação dá lugar, inicialmente, a uma imitação, mas a esta se seguem, desde logo — *repetições* da imitação; quer dizer — repetição das formas assimiladas, e que assim se convertem em habitos. Nos organismos superiores, o systema nervoso, por ser o systema de orgãos em que

se diferenciou a função essencial — da irritabilidade, é um aparelho eminentemente plástico; nelle se imprimem, sob a forma de excitações, as vibrações e os movimentos que impressionam o organismo, de sorte que a reacção correspondente é, de certo modo, uma assimilação do excitante, e a elle se adapta. Quando não, perece o organismo. Já tivemos occasião de ver que o reflexo é uma reacção directa, mas patientemente accomodada ás condições da impressão. Nesses actos se condensam adaptações que se vêm realisando atravez de toda a evolução da especie; o "nevraxe" as guarda, e, por herança, são ellas transmittidas.

4. Os reflexos representam, certamente, reacções uteis, de organização immediata, e que a evolução natural selecciona e conserva. Só indirectamente — pelas suas relações com a actividade consciente, interessam elles á psychologia. Em compensação, os habitos interessam especialmente á elucidação psychologica, porque são acquisições e normalisações de caracter individual, e constituem systematisações e mecanismos nimamente psychicos, que se fixam no cerebro mediante processos conscientes, geralmente intelligentes e voluntarios. A normalisação das reacções psychicas e a fixação das formas traduzem subjectivamente a propria organização do cortex cerebral (pag. 34). O cerebro humano é um aparelho prodigiosamente rico; as suas funções superiores se instituem após o nascimento, porque ellas correspondem justamente á vida consciente do individuo. Donde resulta que todo elle funciona como um verdadeiro aparelho de repetição: repete as impressões recebidas (imitação), e repete-se a si mesmo (habito); e com isto as formas psychicas se reforçam e se apuram. O cerebro absorve e guarda... O espirito adquire e conserva...

Cumpra notar que a tendencia ao habito soffre excepções, segundo a natureza das excitações que determinam os actos novos. E' bem certo que ninguem

se habitua a “queimar os dedos”; mas habitua-se a evitar a chamma, e a lidar com ella sem se queimar. Attendendo a isto, podemos definir: habito — tendencia a repetir as reacções que nos são agradaveis ou convenientes.

5. Ao habito liga-se immediatamente o automatismo, que vem a ser — a forma mecanisada e o tom subconsciente com que se realisam as reacções habituaes. Em verdade, a actividade consciente paira sobre um sedimento ou uma teia de automatismos, pois que todas as nossas reacções, ainda mesmo as de character superior, incluem um grande numero de formas habituaes. Imagine-se o caso de um juiz — ao lavar uma sentença de morte!... E’ um acto gravissimo, essencialmente reflectido; no entanto, quantos automatismos não concorreram para a sua realisação?!... Consideremos que, desde o primeiro momento, forma-se o espirito sob o influxo dessa tendencia ao habito, tendencia que é expressão de uma formula da vida — assimilação e repetição. Nestas condições, o desenvolvimento da personalidade se condensa numa normalisação de reacções, qualquer que tenha sido a origem da reacção. Dá-se, então, que por effeito do proprio habito, e como consequencia da repetição, a mecanisação das formas funcionaes se torna cada vez mais completa, e mais nitida a coordenação dos movimentos, devido á fixidez das systematisações que se instituem. A reacção se accommoda ás possibilidades pessoaes, e a reacção, no seu todo, se transforma num mecanismo de rhythmo proprio, o qual, uma vez estimulado, por si mesmo se dirige e se effectua. Ora, nós já o sabemos (pag. 38) que a representação consciente de uma reacção qualquer é funcção da sua novidade, e corresponde ao tacteio do organismo para achar a formula conveniente de coordenação. De sorte que, tornando-se automaticas, as reacções se fazem — mais perfeitas e menos conscientes.

6. Physiologicamente, caracteriza-se o automa-

tismo pela facilidade da acção, a sua promptidão, a bôa coordenação dos movimentos e a economia de forças, pois que ellas se limitam ao que é estricitamente necessario para os effeitos positivos. Tudo isto resulta do exercicio e da repetição. Psychologicamente, acompanha-se o habito de diminuição do esforço volitivo, eliminação da attenção, regularisação crescente da realisação, e a sua absorpção na elaboração subconsciente. São outras tantas vantagens. A intelligencia e a vontade não poderiam permanecer presas a uma mesma reacção, cuja repetição se torna necessaria. Além disto, a intervenção incessante da intelligencia sobre esse acto que se deve repetir, retardal-o-ia, embaraçando-o necessariamente, porque a intelligencia é — exame, comparação, julgamento, conclusão. . . No automatismo, pelo contrario, exame, critica e julgamento estão definitivamente feitos; são processos intermediarios que se afastam, ou se suprimem; tudo se accelera — mecanicamente, e a acção, apenas indicada pela excitação (sensorial ou ideal) que a desencadeia, desenvolve-se immediatamente, sem choques, sem hesitações. Mal se comprehende o que seria a complexa actividade humana, si justamente essas formas mais *complexas* de acção não englobassem uma forte somma de automatismos, cada um dos quaes se faz tão perfeitamente como si a consciencia o acompanhasse em todos os pormenores. Essa quêda no gráo de consciencia dos actos habituaes, essa *eliminação de intermediarios* mentaes, indica realmente que, sendo exteriormente equivalentes — o acto deliberado e o automatico, intimamente não são idénticos, nem physiologica, nem psychologicamente; na passagem para o automatismo, a reacção se *simplificou*, e o número dos systemas elementares postos em jogo se tornou muito menor.

7. Tudo resumiríamos, dizendo: o espirito solidifica a sua estructura, guarda os seus processos apurados, e reduz o seu trabalho, convertendo as suas reacções habituaes em mecanismos automaticos. En-

tão, os actos se tornam: objectivamente, mais promptos, regulares e perfeitos; subjectivamente, mais fáceis e menos conscientes. De facto, devemos considerar o habito uma adaptação realisada, e o automatismo, uma reacção fixada. São condições vantajosas, por certo; si consideramos, porém, que a actividade psychica vem corresponder, essencialmente, ás necessidades de adaptação e de reforma, reconhecemos, desde logo, que esse aspecto — vigor dos habitos e solidez dos automatismos — é de grande importancia na elucidação da vida consciente, porque, sendo o habito uma garantia necessaria como normalisação, pôde ser, tambem, um obstaculo ás reformas, si a vontade lucida não tem sobre elle um ascendente real e nitido. Em condições normaes, na generalidade dos casos, os automatismos, derivando de reacções originariamente voluntarias, persistem no dominio da vontade, subordinados a actos conscientes e reflectidos, não só porque vêm concorrer frequentemente na organização de reacções mais complexas, como porque, muitas vezes, esses mesmos automatismos se têm de reformar e corrigir, sob a orientação intelligente da vontade. Tal acontece quando o individuo reconhece, por exemplo, um defeito no articular as syllabas, devido á precipitação da dicção; para corrigir-se, elle trata desde logo de tornar mais lento e mais nitido o seu falar.

8. O caso de habitos incluídos em reacções complexas e reflectidas, e de automatismos dependentes de representações e deliberações, é tão commum e necessario na actividade psychica e consciente, que se deve considerar como regimen normal. Evidentemente, são as praticas mais geraes e frequentes que desde logo se tornam automaticas: os misteres communs, a marcha, a palavra... Ora, esses actos que se mecanisaram de modo completo, só por excepção se poderiam desenvolver isoladamente. Em regra, elles devem concorrer para um objecto superior, complexo, consciente e reflectido: quem cöse, tem uma obra de-

finida a realizar... quem fala, tem alguma cousa a enunciar... quem anda, vac a alguma parte... Quer dizer, em qualquer dos casos, ha uma deliberação a executar; o automatismo se processou em virtude de representações, ou de motivos mais ou menos conscientes, e que influem na sua marcha. Esses motivos mantêm, então, o conjuncto da reacção no dominio do consciente. Isto, porém, não tira ao automatismo o seu character mecanico. Só intervenção directa da vontade pela deliberação especial de reformar o proprio mecanismo, pode fazer perder, momentaneamente, a uma dessas praticas, o seu automatismo. E' o que se dá, no caso já indicado — do individuo que corrige a sua articulação, ou ainda no caso de quem procura imitar um character de lettra. Toma aspectos muito varios essa dependencia dos automatismos, relativamente aos actos reflectidos. De diversos modos póde intervir a consciencia no processo do mecanismo automatico, mesmo quando não se trata de dissolver o automatismo, como nos casos já apontados. Quem tem de fazer uma copia, onde ha palavras a sublinhar, ou palavras estrangeiras, reforça a consciencia, mas não chega a destruir o processo geral automatico; tudo se resume em manter um estado de attenção expectante — para não deixar passar as palavras que devem ser escriptas de modo especial.

9. Ha uma outra forma de *consciencia attenta* — no desenvolver de automatismos: a do esgrimista, ou da generalidade dos "sportmen", nos seus exercicios, e tambem a do executante "virtuose", no piano. E' consciencia perfeita, attenção intensissima, e ao mesmo tempo absoluto automatismo: um chispear nos olhos do adversario, um choque no florete, e eil-o que promptamente — automaticamente, vem com a resposta, parando o golpe que apenas foi presentido. E' que neste caso, como no caso do pianista, a attenção se applica principalmente aos sentidos, — para apanhar de prompto os gestos que se succedem; por-

que, dada a percepção, a ella se segue *automaticamente* a resposta. São iniciativas automaticas. O "virtuoso", por sua vez, quer apenas ler a musica; percebidas as notas e as demais indicações da pauta, a sua compleição educada, de musico, realisar^a automaticamente a execução. O habito sustem por si mesmo a attenção. E é isto o que se dá com o passeante, que não retira de todo a attenção do caminho — para ver e perceber os accidentes que surgem; percebidos estes, automaticamente, por elles se regulará a marcha. Em todos esses casos, ha um habito superior, uma pratica consciente, dirigindo praticas elementares; a consciencia, ahi, é percepção e é "contrôle", porque ella acompanha tambem o seguimento, e aprecia os resultados, prompta a modificar as linhas geraes do processo, si as condições especiaes — do adversario, do auditorio, ou do caminho, o exigem. Entre esses dous casos extremos, do esgrimista e do passeante (mas sempre nessa mesma ordem de relações), encontra-se o caso da velha rendeira, á almofada. Seguindo o desenho da renda, no papelão, correm os seus dedos ageis, por entre as dezenas e dezenas de fusos, que ella tece e enlaça, em pontos contados e medidos, ao mesmo tempo que vae alongando as linhas, á proporção que as *senté* mais curtas. Tudo isto se faz automaticamente; todo esse complicado e maravilhoso trabalho é dirigido e regulado por sensações que vão desencadear directamente os centros motores. A attenção sensorial (chamemol-a assim) mantem-se presa ao papelão; mas a intelligencia vagabundeia: a rendeira pensa na vida, tagarela, ouve, replica. . . no emtanto, não deixa de estar prompta a intervir para alterar ou ajustar um detalhe, si é necessario. O mais interessante é que, muitas vezes, essa intervenção esporadica se faz tambem automaticamente, antes de qualquer decisão deliberada: surge um nó, embaraçando uma das linhas — eis que as mãos, muito peritas, acodem promptamente a desfazer a fusada, para refazel-a depois. . .

10. E' bem digno de nota — que, por *habito* ge-

ral de "contrôle", o espirito conta com esses incidentes, que não chegaram, por conseguinte, a ser *imprevistos*; e é por este motivo que, automaticamente, se faz a correcção. No entanto, esse automatismo é intelligente; quer dizer — não é a simples repetição mecânica de um acto fixado, e sim a eliminação de um defeito, de accordo com as condições com que elle se apresenta. E' obvio que a intelligencia não pôde permanecer constantemente nesse estado de tensão, que é a reflexão; a grande vantagem, por conseguinte, está em que ella se torne *habito*, capaz de exercer-se automaticamente, sob o "contrôle" geral da consciencia. Ha circumstancias em que a propria pessoa pôde apreciar, como espectador á parte, essa intervenção, — essa manifestação da intelligencia automatica, ou expontanea. Subjectivamente, os factos se passam como si o consciente se tivesse dissociado do sub-consciente, para assumir uma attitude expectante (pag. 41). E' evidente que esse character se dissipa desde que a consciencia assume um aspecto formal de attenção observadora.

A analyse feita até aqui terá servido, não só para caracterisar as relações do habito com a vontade, como para mostrar quantas formas se apresentam nas reacções e nos processos habituaes. Existem *habitos elementares*, reduzidos geralmente a puros automatismos subsidiarios; *habitos geraes*, tambem sob a forma de automatismos — marcha, palavra, praticas banaes da vida corrente... Existem *habitos particulares* e complexos; *habitos inferiores, organicos*; *habitos superiores* — normas formaes de vida moral, orientações de character, que guiam o espirito como que automaticamente. Esses habitos superiores formam uma especie de cortejo da vontade, e a reforçam; nelles se solidifica o proceder do individuo: são quasi que irreformaveis. São tambem muito vivaces os habitos particulares.

11. Os habitos constituem a propria trama da vida psychica, e lhe dão a indispensavel constancia de

manifestações. Nelles se imprime e se concretisa o character; mas devem guardar, com a capacidade de vontade, uma formula tal de equilibrio, que lhe não entorpeçam a iniciativa, nem cheguem a tolher as reformas necessarias. Em verdade, não ha nenhum antagonismo essencial entre os dous processos, pois que o habito nasce muitas vezes de actos de vontade. Admitte-se que, numa personalidade normal, a vontade deve conservar uma ascendencia explicita sobre os habitos. E como os habitos não têm todos o mesmo valor, organisam-se e dispõem-se formando uma verdadeira hierarchia, sobre a qual reina o "querer". No emtanto, na realidade das cousas, é muito reduzido, ás vezes, esse poder — que sobre os habitos tem a vontade. Isto depende, em primeiro lugar, do character do individuo; depois, da natureza, origem e idade do habito. Ha pessôas realmente "escravas dos seus habitos"; são muitas vezes caracteres tibios, ou pavidos, de vontade fraca e inconsistente. E' de notar, entretanto, que tambem se encontra essa rigidez e constancia dos habitos em pessôas de vontade forte (com uma qual violencia); são vigorosas no habito, como são nas decisões. Para comprehender o quanto a influencia da vontade pôde variar, segundo a natureza e origem dos habitos, convém distinguil-os.

12. Tres condições dão especial solidez aos habitos: serem de natureza organica; concretisarem-se em praticas antigas; terem resultado de imposições superiores á vontade. Os habitos organicos — forma da marcha, accento da pronuncia, gesticulação, attitudes... são aspectos plasticos, e que só se modificam na infancia e na adolescencia. As praticas impostas, quando se implantam realmente, desde que toda a resistencia pessoal foi vencida, tornam-se especialmente tenaces; assim se formam as rotinas mais inveteradas. A mesma cousa acontece com os habitos que resultam de acções impulsivas repetidas. E' realmente o facto de ter passado por sobre a vontade que transforma uma pratica habitual em rotina ferrenha e irreformavel, e não porque ella tenha caído

da consciencia, convertendo-se em automatismo. Verifica-se, então, que o habito *escravisa*, quer dizer, resiste á vontade, desde que não se origine de acções nitidamente reflectidas. Elles tomam, nestas condições, o character de tendencias que se concretisam e se reforçam. Por isso mesmo, os mais resistentes dos habitos são os que resultam dos actos impulsivos. Neste caso, o habito não é, apenas, uma segunda natureza: elle é a propria natureza — definida e fixada.

O aspecto automatico da actividade significa especialmente — que o mecanismo da realisação está perfeitamente systematisado. Isto não tem relação directa com a resistencia dos habitos. Um automatismo formal e nitido póde não ser um habito ferrenho.

13. Ao contemplar a marcha necessaria das reacções intelligentes e voluntarias, derivando para o habito e a mecanisação automatica; ao verificar o que ha de commum entre o acto reflexo e o automatico, parece natural, racional e necessario — relacionar essas tres ordens de factos, e instituir com elles uma serie evolutiva: a reacção voluntaria degradando-se em acto automatico, e este fixando-se definitivamente em reflexo... Pura apparencia. Nada prova que os reflexos tenham sido automatismos, resultantes por sua vez de reacções voluntarias. Pelo contrario: a interpretação intelligente dos phenomenos faz crer que o reflexo é a reacção inicial e essencial do "nevraxe"; é a reacção normal de todas as formas inferiores, onde não existe um appendice cerebral capaz de reacções complicadas e extensas. Póde haver actos reflexos que derivem de automatismos fixados por herança; mas, em si mesmo, a forma reflexa, como processo de reacção, é necessariamente anterior á actividade intelligente, e corresponde immediatamente as condições da irritabilidade original, donde deriva a reacção psychica sensitivo-motora. No caso, é preciso distinguir os dous aspectos: o character necessario e immediato do reflexo (a que se liga a sua precisão e regularidade), e a forma mecanisada e justa que adquire a reacção voluntaria pelo facto da repetição. Por

mais frisantes que sejam as approximações que dahi resultem, não se devem confundir aspectos tão distintos, nem admittir essa marcha evolutiva — que nos traria do mais complexo e mais diferenciado para o mais simples e mais rudimentar. As reacções psychicas e intelligentes, normalisando-se, voltam ás formas mecanisadas porque toda organização é forçosamente mecanisação; mas, por sua vez, ellas surgem e se differenciam por sobre uma estratificação de reflexos primitivos, como o proprio apparelho cerebral se constitue e se differencia sobre o eixo rachiano que o precede.

14. O encephalo — o cerebro nomeadamente, não suprime o resto do “nevraxe”, mas domina-o; absorve grande numero das funcções inferiores, sem transformar, no entanto, as formas geraes de reacção. Por isso mesmo, a reacção psychica se póde considerar — modelada no reflexo. Dominando o “nevraxe”, o apparelho encephalico incorpora todas as coordenações complicadas, e prende nas suas dependencias todos os centros. E’ como se dissessemos que o conjuncto encephalico tem ao seu serviço todo os outros centros. Dest’arte, a evolução psychica se caracteriza justamente por essa absorpção das reacções espontaneas e independentes, enleadas no dominio da actividade encephalica, e — o que é mais importante — aproveitadas em reacções superiores, mais complexas e de character intelligente, como acontece com o reflexo do grito — aproveitado para a reacção altamente complicada e intelligente da linguagem (1).

Já tivemos occasião de accentuar a quasi ausencia de instinctos formaes no homem. O acto instinctivo é, por definição — um mecanismo de finalidade muito nitida, utilmente dirigido, como se fôra intelligente-

(1) O grito é um phenomeno essencialmente reflexo; a phonação representa uma apropriação do apparelho respiratorio (nutritivo) a complexas funcções de relação. O centro respiratorio é englobado em mecanismos psychicos.

mente combinado, mas que se coordena por um processo reflexo. Será temerario affirmar que os actos instinctivos não sejam fixações hereditarias de actos conscientemente combinados; todavia, será mais temerario ainda — o pretender que elles provenham de uma coordenação intelligente, pois nós vemos existir uma especie de contraste entre o valor da intelligencia e a efficiencia dos instinctos. Póde-se dizer que, na especie humana, os instinctos se dissolveram na actividade psychica intelligente e reformavel.

Synthese psychica

CAPITULO XXII

FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE — O DESENVOLVIMENTO PSYCHICO

A personalidade e o "eu". — Processos da evolução psychica. — O cerebro do recém-nascido. — Systematizações nervosas hereditarias; tendencias geraes. — Factores da formação psychica. — A consciencia do recém-nascido. — Primeira phase da vida psychica. — O alvorecer da intelligencia. — Primeiras inibições systematicas. — Ordem de aquisições. — Primeiras aquisições mentaes. — Curiosidades. — Necessidade de unificação mental. — Egoismo. — Influencia social. — Tendencia a generalisar. — Aquisições symbolicas. — Logica da criança. — Segunda phase mental. — Quadro geral da evolução psychica.

1. A vida psychica realisa uma synthese propria, que é a personalidade ou individualidade consciente, e deve ser apreciada sob esse aspecto. A esta synthese attribuimos a qualidade de — ser humano. Desde que a actividade psychica se suspenda, e que a consciencia se elimine, a creatura moral deixa de existir realmente. Por isso, em cada um dos outros individuos, nós reconhecemos e distinguimos uma pessoa moral, psychologicamente caracterizada, assim como em nós mesmos sentimos e reconhecemos uma unidade de vida consciente, e consideramo-nos tambem como — uma creatura moral. E' o sentimento e a noção do proprio eu. A synthese psychica se forma com a orga-

nisação da consciencia; e, então, para estudal-a, devemos destacar : a *evolução* da personalidade, e a sua *caracterisação*. Isto é, devemos assignalar a marcha necessaria da *formação* psychica, e indicar os elementos de que resulta o *character* de cada personalidade. Por sua vez, a formação da personalidade, offerece á apreciação dous aspectos especiaes: o *desenvolvimento* ou a marcha, propriamente dita, da organização; e os *processos* geraes, mediante os quaes se faz a incorporação dos elementos que se organisam no espirito.

2. A verdadeira actividade psychica só póde começar depois do nascimento, de sorte que temos, no caso, uma iniciação a estudar. Nestas condições, a respectiva evolução comprehende: a) a *acquisição* das formas de reacção; b) a *expansão* ou desdobramento das reacções adquiridas em novas formas; c) a *normalisação* das reacções; d) a *correção* das reacções instituidas. E' obvio que o espirito não se poderia organizar e attingir o gráo de desenvolvimento que é normal na especie, sem *adquirir* continuamente novas formas de reacção; porém, comprehende-se que a necessaria multiplicação das formas de reacção não se deve fazer somente como simples aquisições. Instituidos uns tantos modelos, desde que o individuo é solicitado, tende a applicar essas formas que já possui, esforçando-se por adaptal-as ás novas situações, *expandindo-se* em novas formas. Ao mesmo tempo ocorre que, por tratar-se de uma organização, toda essa actividade psychica se torna estavel, fixando-se em *normas coordenadas*. Finalmente, á evolução da personalidade impõe-se uma outra necessidade: o melhorar e reformar as reacções, *corrigindo* o que se demonstre improprio ou inconveniente. Digamos, desde já, que: a aquisição deriva de uma tendencia natural, irresistivel — a *imitação*; a expansão se realisa na *invenção*; a normalisação resulta de outra tendencia natural — o *habito*; e a correção se faz por uma *substituição* de reacções.

3. Ao receber as primeiras impressões directas do mundo exterior, é a criança, de facto, um equivalente dos seres inconscientes, isto é, falta-lhe completamente a consciencia lucida. Não ha, nem poderia haver, nas suas repercussões intimas nada que possa ter valor representativo. O recém-nascido é principalmente um organismo, sobre o qual o cerebro ainda não estendeu a sua acção; mas esse aparelho já existe, e com a sua actividade que vae começar crear-se-á, na vida da joven creatura, uma segunda ordem de funcções, em que se incorporarão todas as relações com o meio. O aparelho neuro-cerebral nem está ainda inteiramente constituido, anatomicamente (pag. 27). E' uma massa plastica, apta a organizar-se e a formar combinações e systematisações, complexas e multiplas, de accôrdo com as impressões do meio. Não quer isto dizer, porém, que o systema nervoso da criança, ao nascer, seja um todo indeterminado, especie de "tabula rasa", cuja disposição funcional tenha de depender sómente dos influxos exteriores. Além das systematisações relativas aos reflexos puramente vegetativos, traz a criança na sua organização hereditaria grandes systematisações, correspondentes ás tendencias essenciaes do individuo: tendencias geraes, egoistas e sympathicas, tendencias caracteristicas da raça, da nacionalidade, da familia...

4. Todos esses caracteres se transmittem, e se totalisam na herança organica; tudo isto se fixa em systematisações nervosas, desde que o aparelho cerebral se vae constituindo. São systematisações geraes, vigorosissimas, que valem, porém, como predisposições. Então, desde que o cerebro seja excitado, no curso das relações com o meio, a excitação terá como resultado natural e necessario — o agitar as systematisações geraes ou predisposições, e dahi resultará que a actividade se fará de accôrdo com as impressões recebidas, mas orientada pelas systematisações congenitas (tendencias). Quer dizer, á medida que é solicitado, funciona o systema nervoso da criança, realisando reacções que são apropriações das syste-

matisações geraes ás condições da excitação. Faz-se assim a coordenação funcional, que será uma resultante — dos modelos, ou predisposições herdadas, e das exigencias do meio. A organização psychico-cerebral equivale, pois, ao desenvolvimento e á especificação das tendencias naturaes, em correspondencia com as condições particulares que lhes são impostas. Em summa: a formação da personalidade se realisa como resultante — das tendencias herdadas e da influencia do meio.

5. O desenvolvimento psychico da criança se faz sob o estímulo de tres ordens de influencias: I, excitações directas do meio cosmico; II, excitações, contactos, suggestões, exemplos... expontaneos, oriundos do meio social (educação natural); III, intervenções e suggestões systematisadas e *intencionaes*, com o fim propopositadamente educativo. As reacções provocadas pelas primeiras dessas influencias são bem originaes; dellas resultam conhecimentos directos. São ellas que põem em evidencia a equação pessoal, e fazem valer a iniciativa individual e a capacidade adaptativa. As influencias directas do meio cosmico solicitam principalmente as energias de expansão, si bem que provoquem tambem reacções imitativas, sobretudo, nos primeiros tempos. E' preciso notar que, desde muito cedo, na sua actividade psychica, absorve a criança as formas de reacções que o meio social, ou os educadores especiaes lhe suggerem, de sorte que as suas acções englobam geralmente elementos originaes e formas assimiladas. As duas ultimas categorias de influencias — de ordem social — confundem-se a principio, de modo absoluto, no animo da criança, e têm o mesmo valor; mas desde que ella começa a distinguir e a comprehender, essas duas ordens de solicitações — suggestões do meio e intervenções intencionaes — destacam-se no seu espirito, mesmo porque as simples suggestões expontaneas falam principalmente, ou unicamente, á imitação, ao passo que as intervenções educativas suggerem substituições, quando não *obrigam* a correções.

6. Admitte-se que a consciencia do recém-nascido seja nulla como valor representativo. Não tardará, porém, que ella se agite num perpassar de successivos estados elementares, isolados, chaoticos e indefinidos. Nessa quadra da vida, não póde haver na consciencia a encadeiada successão de estados representativos, lucidos e logicos, como os conhecemos quando nos podemos examinar. De facto, ainda não existe, na criança de tenra idade, unidade subjectiva; mas deve haver uma consciencia fragmentada — repercussão de excitações de origem interna e dos sentidos, influxos de tendencias suscitadas, de appetites despertados, esboços de emoções, correspondendo á actividade de centros inferiores, sub-corticaes, ainda não contidos pela actividade organizada do cortex. Disto resulta que a consciencia da criança não tem analogo, nem nos estados anormaes do adulto, nem na série animal. Será, em todos os casos, uma repercussão mais vibrante, mais intensa, porém, menos lucida, menos distincta. O desenvolvimento psychico-consistirá, então, na progressiva differenciação entre os estados de consciencia, fortemente affectivos — desejos, dores, saciedade, aversões... com que se confundem, como numa ganga agitada, as imagens sensoriaes, vivamente estimulantes, mas ainda informes e inharmonicas.

7. O organismo do bebê reage contra as impressões num impulso global, como se toda a massa organica se agitasse em um vigoroso e complexo tropismo. A unidade do *eu*, que ainda não existe, é compensada, ou substituida, por essa reacção global, potente, em que entram todas as systematisações geraes instinctivas, as unicas que já estão organisadas, e que servem para manter e garantir a unidade e continuidade do ser, por entre as variações e dispersões das excitações sensoriaes. A actividade infantil, nos dous ou tres primeiros mezes, é quasi toda de reflexos — reflexos rhythmicos da vida de nutrição, reflexos esporadicos, ou reacções impulsivas, immediatas ás excitações sensoriaes. A insufficiencia representativa,

nessa quadra da consciencia infantil, é correlata da insufficiencia inhibitoria do cortex, de sorte que as impressões dos sentidos dão lugar, sempre, a estados affectivos muito pronunciados, e a excitações que se diffundem immediatamente sobre o systema motor. As côres, os sons, a visão das formas e dos movimentos são excitantes directos da motilidade. A intelligencia se reduz a preferencias e aversões manifestadas pelo bêbê, relativamente aos seres que delle se approximam. Toda impressão, todo phenomeno que o alcança, dá lugar a uma affeição — pensosa ou aprazível, excitante ou deprimente; e, então, na sua consciencia chaotica, fragmentada, as primeiras associações que se fazem são as de — agradável... desagradável ligado a certos conjunctos de sensações, principalmente tactis e auditivas, sensações que, si se repetem, despertam immediatamente as mesmas affeições. A criança de quatro ou cinco mezes, que se mostra tranquillá, satisfeita, nos braços maternos, denuncia, apenas, um estado affectivo agradável, suscitado na memoria por uma associação que se estabeleceu entre a satisfacção dos appetites e os contactos, ou as vozes, que lhe são habituaes.

8. Até o setimo mez, a estrutura do cortex cerebral da criança não lhe permite uma actividade mental caracterisada e complexa, porque as fibras de associação não estão de todo myelinisadas. Essa formação anatomica só termina do oitavo para o nono mez, e só, então, se accentua o trabalho intellectual discriminativo, nitidamente representativo e cognitivo. E' a phase de mutação mais pronunciada na evolução psychica do ser humano, essa — da affirmacção mental da criança, phase caracterisada pela differença essencial que se nota entre a actividade inteiramente animal do bêbê de dous mezes, e as reacções do infante de 11 mezes, onde já se denunciam todos os predicados mentaes da especie, e em cujas attitudes transluz uma intelligencia encantadoramente humana. Devemos notar, todavia, que do setimo para o nono mez se esboçam certos aspectos intelligentes na actividade

da criança, a qual, pouco a pouco, vae perdendo aquelle character exclusivamente reflexo e impulsivo. Até na physionomia, vislumbra-se uma mentalidade nascente. Constantemente tentada pelas impressões exteriores, sacudida pelos vigorosos appetites de um organismo em crescimento, ella accusa, apezar de tudo, uma qual orientação da actividade, dirigida para o mundo exterior, e tendo como resultado a concomitante inibição cerebral e a coordenação de movimentos. Reconhece-se, tambem, que as indicações dos sentidos differenciam-se nitidamente. As primeiras reacções apparentemente conscientes e ordenadas são simples imitações reflexas, ligadas a excitações visuaes ou auditivas (quinto, sexto mez), e, logo em seguida, repetições dessas mesmas imitações. Então, começa a manifestar-se de modo formal o instincto de unificação do ser psychico. As reacções denunciam que a criança tem consciencia das situações em que se encontra. Ao mesmo tempo, torna-se explicita a tendencia á normalisação, e a criança imita-se a si mesma, insistindo nos movimentos que conseguiu co-ordenar.

E' tão importante esse factor da evolução psychica — a *imitação*, que a ella, assim como á invenção, teremos de fazer menção especial. Por ora, queremos assignalar que o primeiro esforço apparente de coordenação e de "contrôle" na criança, é de character imitativo.

9. Imitando, sob a excitação das impressões externas, é a criança levada a refrear certos impetos, e a resistir um pouco aos estímulos que se diffundem até as visceras. Assim, aprende a concentrar a consciencia num objecto — subjugada pela impressão, e a dirigir os movimentos (da cabeça, dos braços...). Com esse momento, que é de facto a aurora mental da criança coincide a systematisação e utilização apreciavel dos movimentos, systematisação que se faz graças á correspondente organização das representações. As excitações se vão differenciando no cortex cerebral, cuja actividade se affirma cada vez mais sobre

os centros inferiores — soffrendo, ou absorvendo as respectivas reacções (1). Esta phase da evolução psychica se distingue por dous aspectos que se accentuam progressivamente: capacidade de soffreamento dos reflexos ligados ás necessidades naturaes; coordenação e “contrôle” dos movimentos voluntarios. O primeiro destes resultados é devido principalmente á intervenção educativa intencional; ao passo que o segundo se liga á propria evolução e expansão da actividade da criança. No entanto, o processo intimo tem a mesma base nos dous casos — a inibição; no segundo caso, a reacção inhibitoria é, apenas, o soffreamento necessario, para que se possa esboçar a coordenação. Então, o processo se continúa, sob a forma de associações que se estabelecem — entre as sensações musculares e as dos sentidos externos. Estas ultimas se tornam suggestivas do movimento, e, dest’arte, chega a criança a regular as contracções — para manter a cabeça e o corpo, abrir e fechar a mão... Da mesma sorte, por suggestão dos educadores, aprende ella a adiar a satisfação das necessidades naturaes, e a tomar os cuidados precisos em taes casos.

10. Reproduzimos aqui o quadro de Baldwin, representando, “segundo os estudos correntes”, a ordem de aquisição dos elementos mentaes, sobretudo no que se refere á linguagem. Esse quadro, si bem que pareça restricto, tem uma grande importancia, como expressão geral do desenvolvimento psychico, porque a linguagem tem papel capital na formação mental do individuo. De todo modo, nelle se encontra

(1) O braço direito é o primeiro que se educa no individuo. No nono mez, já os seus movimentos têm um aspecto ordenado. A organização funcional do cerebro começa pelo hemispherio esquerdo. A coordenação dos movimentos da phonação acompanha immediatamente a coordenação dos movimentos dos braços e das pernas, e começa pela repetição ou imitação dos sons percebidos. A essas imagens sonoras e motoras que a criança repete, associa ella, gradativamente, as imagens dos sons que vae conhecendo e distinguindo.

uma indicação que permite acompanhar a marcha geral da evolução mental.

Sugestão pre-imitativa ...	<ul style="list-style-type: none"> Audição dos sons. Movimentos de acaso e movimentos herdados. Movimentos coordenados por simples suggestão.
Sugestão de imitação simples	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecimentos dos objectos, das palavras e das notas. Articulação imperfeita. Começo — fraco — de canto.
Imitação persistente	<ul style="list-style-type: none"> Compreensão da linguagem. Uso dos objectos. Coordenação voluntaria dos movimentos: <ul style="list-style-type: none"> — de articulação, — de escripta, — de dedilhar. Interpretação visual dos signaes de leitura.

E' possível que, em muitos casos, a evolução psychica da criança pareça afastar-se um tanto desta sequencia. Serão variações nos pormenores, e que traduzem as naturaes differenças de individuo a individuo, segundo com as respectivas tendencias; não chegam a ser transgressões do typo geral de desenvolvimento. De qualquer modo, não se pôde negar que, no homem, os impulsos e as manifestações dos interesses vitaes se succedem numa ordem distributiva necessaria e apreciavel. Mover com os olhos, buscar com as mãos, sentar-se, arrastar-se, erguer-se, andar, trepar, imitar os sons verbaes, construir, desenhar, calcular... cada um desses esforços se organisa numa epoca propria.

11. Terminada a myelinisação dos axonios corti-

caes, dominados os impulsos motores, canalizadas para o cortex cerebral as excitações sensoriaes, fazem-se as primeiras distincções representativas sensoriaes, desenham-se os primeiros conhecimentos, e a intelligencia irrompe fremente, soffrega, qual uma ganga activa onde se fundem todas as funções do espirito — associação, generalisação, discriminação, juizo, imaginação... Impetuosa e absorvente, essa intelligencia nascente vae de conjunctura em conjunctura, dispersiva, agitada, mas sempre affeiçãoada ás realidades, immediatamente presa ao mundo exterior. Em verdade, nem os conhecimentos se destacam ainda, porque todo estado de consciencia é, já o dissemos, um bloco — conhecimento, affeição, esforço... Não ha muita coherencia entre os successivos estados mentaes, mas, em cada momento, ha absoluta convergencia e unificação de consciencia. Agora, é que se delineam as funções mentaes. E estas, quanto mais se desenvolverem, mais entrelaçarão os respectivos processos, donde resultará, então, a coherencia dos conhecimentos. Tanto vale dizer: a coherencia da actividade psychica provém da propria experiencia. Não tarda, porém, que ella se torne patente, porque essa é uma phase de actividade excepcional e característica: discriminam-se as qualidades sensoriaes, as formas correntes, e a multiplicidade dos movimentos usuaes. E' a phase dos conhecimentos directos, dos conhecimentos intuitivos elementares, phase de intensa absorção do meio. Ha uma verdadeira avides de conhecer, avides que corresponde ao surto vital de um orgão excessivamente vibratil, apto a funcionar, mas que só desenvolverá a plenitude da sua actividade na medida em que absorver e coordenar os estímulos oriundos das relações com o meio. Com isto coincide a natural curiosidade da criança, curiosidade que não é, apenas, a simples excitação dos centros corticaes, sob a impressão dos aspectos novos com que se revelam os seres. Não ha duvida que essa novidade atráe e retém a attenção, e é a necessaria condição para o inicio da elaboração do conhe-

cimento; mas, por si só, não explica mentalmente a curiosidade infantil, que traduz um instinto, e corresponde a uma necessidade subjectiva de harmonia mental.

12. O instinto de curiosidade exprime, de modo immediato, a irreprimivel necessidade de organização functional do cerebro; ora, essa organização só se póde fazer com o character de unificação dos resultados da sua actividade, condensados na experiencia mental e com a totalisação das energias cerebraes convergindo sempre para os mesmos fins. Quer dizer, o aparelho cerebral tende a trabalhar coherentemente, com toda a vastidão da sua capacidade functional. Essa coherencia resulta das predisposições geraes ou systematisações hereditarias, que determinam realmente a unificação da individualidade. De sorte que, excitado pelo meio, nos seus multiplos aspectos, o cerebro deve organizar-se definitivamente, relacionando as systematisações especiaes que se estabelecem a essas systematisações geraes unificadas; dahi resultará, necessariamente, uma organização definitiva, totalisada e coherente. Interpretada subjectivamente, a avides de conhecer apparece como necessidade de ordenar todas as variantes externas, numa concepção pessoal do mundo e das cousas. E cada criança repete, nos limites das suas possibilidades mentaes, esse mesmo esforço de interpretação harmonica do universo, que as intelligencias de escól tentam realisar de modo completo, nos systemas scientificos e philosophicos, tanto é certo que cada individuo refaz abreviadamente a marcha geral da evolução na especie.

13. De modo geral, todas as phases do desenvolvimento mental se podem explicar pela combinação das condições cerebraes ingenitas com as exigencias do meio. Correspondendo subjectivamente ás systematisações geraes ingenitas, são muito vigorosas e importantes, entre as tendencias mentaes, as de — *generalisação* e *affirmação*. Um conhecimento é sempre o relacionamento de systematisações que se esboçam a sys-

tematisações já constituídas — “particularidades a generalidades” (pag. 159). No adulto, onde ha uma grande experiencia organizada, os novos conhecimentos se prendem immediatamente a uma vasta urdidura de conhecimentos feitos, e o pensamento se desenvolve em complexas consequencias. Na criança — na aurora do pensamento — não havendo uma rêde de systematisações formaes, cognitivas, as systematisações nascentes projectam-se livremente, orientadas apenas pelas tendencias; e a mentalidade infantil está sempre — das absolutas generalidades, ás exclusivas particularidades. Além disto, a escassa experiencia não lhe ensinou ainda a duvidar, e a criança accêta promptamente as apparencias. A extrema generalisação e a facilidade de crença dão, então, ao seu mentalismo, esse caracter de systematisação e de sequencia absoluta, especie de *logica instinctiva*. O infante quer que todas as cousas tenham as suas propriedades, os seus nomes, as suas causas, os seus effectos... E indaga, examina, pergunta, repetidamente, soffrega por encaixar tudo que vae conhecendo nos systemas elementares do seu “logismo” inexperiente. Irá até o ponto de perguntar: “Mãe, para onde vão os dias?...” Cada ser que o impressiona lhe traz uma descoberta; mas, na sua necessidade de generalisar, elle substitue frequentemente a verdade objectiva pela verdade logica. Dir-se-ia que a criança é assim porque a “logica repousa”, e lhe acalma um pouco a febril excitação cerebral; por isso mesmo, a mentalidade infantil não oppõe resistencias ás conclusões, que se prendem ás primeiras impressões, e são sempre affectivas, fantasistas, interesseiras, agitadas... A criança accêta a primeira explicação que se offerece; para ella não ha absurdos; contenta-se com as simples apparencias, e associa levada pelas semelhanças mais facilmente discerniveis. Para ella, a borboleta será — “uma flôr voando...” o orvalho — “lagrimas da planta...” E tudo se anima no seu espirito, porque ella estende as suas qualidades a todos os seres, tanto que, si o acaso lhe apresenta os cubos do

alfabeto assim dispostos *L J*, dirá immediatamente que o *L* e o *F* "estão conversando..." (1).

14. Nos primeiros tempos de vida consciente e intelligente, a criança tudo refere a si mesma, e, realmente, só sente os proprios interesses. Dizemos, então, que ella é egoista. Sim; é egoista, não por defeito moral, essencial, mas por deficiência mental—por não comprehender os interesses dos outros; falta-lhe o elemento representativo para despertar os instinctos sociaes e moraes. Esses instinctos, mais modernos que os propriamente egoistas, só mais tarde se revelam. A criança é egoista por ser egocentrica; o homem primitivo é tambem egocentrico, por insufficiencia mental. E' facil de imaginar e comprehender o vigor com que a vida se impõe á fragil consciencia da criança: as unicas systematisações fortemente e definitivamente fixadas são as que dizem com o instincto de conservação pessoal, e é isto o que domina toda a sua actividade affectiva. Si, num momento, a mamãe a adverte carinhosamente: "Eu te castigo porque sou uma bôa mãe...", sem hesitar, a criança responde: "Pois eu prefiro que V. seja má..." Num outro caso, apresentam-lhe um problema: — "Dou-te 5 laranjas, comes 2 — quantas te ficam?..." — "Mas eu não tenho ainda nenhuma!..." A este egoismo nós chamamos legitimamente *ingenuidade*; elle não contradiz de forma alguma a natureza social do ser humano.

15. E' na sociedade que a criança aprende a conhecer a vida; mas as suas primeiras affirmações conscientes não poderiam ser de interesse altruistico ou social, e sim — affirmações pessoases, egoistas. Pela consciencia, incorpora o homem a sua existencia á sociedade; mas essa existencia, que é uma actividade, tem de começar por affirmar-se individualmente. Bem sabemos que a criatura humana não se relaciona ao meio cosmico isoladamente; nascendo, é rece-

(1) J. Sully — "Études sur l'Enfance", trad. A. Monot, pag. 43.

bida pela sociedade, no seio da qual se faz a sua segunda gestação — de character psychico. Mas, quando o meio a impressiona, a criança reage individualmente, si bem que acolhida no seu grupo. Assim amparada, organisa ella a sua vida; conhece o meio cosmico, explora-o, atravez da assistencia educativa; mas a existencia pessoal affirma-se e mantem-se, desde o primeiro momento, como individual. Nesse primeiro momento, emquanto a vida social não tem para a criança valor especial, na sua consciencia não ha outros elementos affectivos sinão os puros interesses pessoais. No emtanto, tal é o poder de absorpção do meio moral, taes são as suggestões e os elementos de conhecimento que o convivio social offerece á criança, que, dentro em pouco, será a sua consciencia um reflexo da propria sociedade.

16. A tendencia a generalisar, insensato logismo da criança, manifesta-se e existe como um verdadeiro instincto, expressão hereditaria da constituição cerebral na especie. Organicamente, essa tendencia logica, generalisadora, explica-se pela natural attracção de umas systematisações sobre as outras, e, tambem, pelo estado de incipiente organização cerebral. Ha, já o vimos, como que uma gula intellectual — a ávida absorpção de um órgão que precisa alcançar uma forma de harmonia activa, pelo equilibrio de todas as suas funcções. E esta harmonia não se faz emquanto não se systematisam, de qualquer forma, os conhecimentos em que se reflectem os aspectos geraes das cousas. Nesta ancia de conhecer e de construir mentalmente, não tarda que a criança se volte para o meio social, buscando ahi todos os ensinamentos que elle póde dar, e imitando irresistivelmente os processos e as formas de pensar. Antes mesmo de possuir a representação mental, absorve as imagens sonoras dos symbolos; quer dizer: antes de poder comprehender, ella repete syllabas, decora palavras por simples imitação, e, uma vez possuindo a palavra, prevenida pela interpretação que os outros lhe

dão, a criança é como que forçada a servir-se della e a assimilar as respectivas noções. Assim se encaminha a mentalidade incipiente, attrahida pelo convívio social, que, não só lhe fornece conhecimentos, como lhe dá as formulas de symbolisação e de expressão. Poucas, relativamente bem poucas, são as grandes aquisições mentaes que a criança possa fazer por si mesma. São tres as fontes de conhecimentos que se lhe offerecem; conhecimentos directos, ou aquisições pessoaes; ensinamentos espontaneos do meio social; e ensinamentos intencionalmente educativos.

17. Nos primeiros encontros da intelligencia infantil com o mundo, não se discriminam os conhecimentos directos — experiencia pessoal — dos conhecimentos suscitados, ou, por outra: todos os conhecimentos valem como experiencia pessoal, e fazem-se pelos mesmos processos perceptivos — de syntheses sensoriaes. A criança que ainda não conhece os valores symbolicos dá ao que ouve e ao que vê, na actividade daquelles com quem convive, aquella mesma significação, quasi, que dá ás imagens e suggestões que lhe vêm por parte dos outros seres. Ella aprende, mas aprende imitando, aprende agindo, sem a consciencia de que está aprendendo. E elabora por si todos os seus conhecimentos, porque ainda não póde adquirir conhecimentos feitos. Esse primeiro periodo de aquisição directa é tanto mais importante, quanto elle corresponde ao despertar da intelligencia, que se abre sobre o mundo numa vivacidade irreprimivel, em relação directa com a extrema variedade e novidade das impressões, que mantêm a criança num estado de superactividade sensorial. E' evidente, porém, que taes conhecimentos são incompletos, e as representações muito imperfeitas. Em verdade, na consciencia infantil — representação, affeição, deliberação, acção, não se destacam, e o conhecimento se formula, muitas vezes, na propria *realisação* da reacção. A actividade que assim se desenvolve é insufficiente, muitas vezes, prejudicial; e a criança se volta sobre si mesma: hesita, retrae-se. Apesar da deficiencia dos jul-

gamentos, á criança se impõe o contraste — entre os seus actos inefficazes e desastrados, e a acção reflectida das outras pessoas. A propria imitação a leva a seguir detidamente, cada vez mais detidamente, o proceder intelligente, consciencioso, dos que a conduzem. Não tarda que o infante comece a desconfiar do seu descortino mental. A propria experiencia lhe mostra, a cada passo, a efficacia e a superioridade dos conhecimentos dos outros. Então, os continuos dissabores e desastres ligados ás generalisações pueris e aos logismos absurdos, em vez de o levarem unicamente a apurar os processos pessoas de conhecer — pela observação e reflexão (pois que assim se retarda a marcha do conhecimento, e de certo modo se contrariam as tendencias a conhecer e a generalisar), o levam, principalmente, para a aprendizagem consciente e a aquisição social, mesmo porque esses desastres, e o tacito reconhecimento do erro, reforçam na sua consciencia o sentimento da propria incapacidade mental. Assim, quasi subitamente, aceita a criança o absoluto valor e saber dos que a dirigem. Este facto restringe a sua iniciativa para o conhecimento directo. Nesse momento, já ella está iniciada no mecanismo mental da symbolisação, e ahi encontra o meio maravilhoso de satisfazer á insaciavel curiosidade: pergunta, multiplica as perguntas... “pede” o conhecimento dos outros... Reconhece-se com isto — que a tendencia a generalisar persiste com o mesmo vigor; mas o infante prefere não generalisar por si, e aceita as generalisações symbolisadas, já feitas, ou pelo menos procura dar ás suas conclusões um caracter mais explicitamente racional, e generalisa por analogia.

18. O raciocinio por analogia, que é normal á criança, traduz imitação, e corresponde justamente aos primeiros ensaios de assimilação do criterio racional, criterio caracteristicamente social. Desta sorte, ao mesmo tempo que aceita e busca os conhecimentos já feitos, absorvendo a experiencia geral, a criança aceita e assimila os processos e os modelos so-

ciaes de ajuizar e de concluir. Isto não quer dizer que, entre a logica incipiente e nimiamente pessoal dos primeiros tempos e essa logica socialisada, haja differença essencial. Não; ha apenas extensão e apuro. A logica (pag. 159) é a marcha necessaria na elaboração do conhecimento, e no decorrer do pensamento. Ella tem um fundo instinctivo; mas só se impõe explicitamente á consciencia como resultado da experiencia (axiomas da logica). Para isto muito concorre a educação. E' pela assistencia da razão que a logica adquire o valor de um guia. No emtanto, em si proprio, o processo logico tem a mesma significação — na criança e no adulto. A differença que ha, entre uma logica e a outra, é a mesma que entre o processo implicito do conhecimento perceptivo (pag. 129), e o conhecimento racional. No raciocinar do adulto, concorre uma grande riqueza de dados que faltam á criança; ha mesmo formulas geraes e explicitas de concluir. Então, com a assimilação das formulas explicitas de concluir, eliminam-se os logismos pueris; e com a experiencia pessoal dissipam-se as illusões. Vêm concepções mais solidas, fundadas em juizos formaes, conservando, no emtanto, o espirito a mesma característica tendencia — de harmonia e de unidade (1). Esse primeiro estagio tem uma significação especial. Pensando e conhecendo *puerilmente*, a criança *exercita-se*, habitua-se a conhecer, a pensar, a concluir. . . A consciencia, o *eu* que pensa, affirma no mesmo acto a sua existencia (*cogito. . .*). A necessidade de generalisar e concluir é tambem expressão do instincto de conservação pessoal, subjectiva. No transitorio dos estados de consciencia, é mister uma unidade subjectiva, que dê o "sentimento de *ser e de persistir*". Nessa primeira phase da actividade cognitiva, a consciencia se formula e se condensa; póde, então, participar activamente do convívio social, que a

(1) "A necessidade de unidade é uma tendencia irresistivel a agir do mesmo modo nas diversas experiencias do espirito" (Baldwin — *The Mental Development*).

enriquecerá, esclarecerá e reforçará. De facto, é na associação das outras consciencias, que o joven individuo vae encontrar o necessario para completar-se e definir-se explicitamente. A absorpção social tem para a intelligencia individual o character de uma verdadeira crise, porque é deste facto que resulta, principalmente, aquella substituição de representações a que nos referimos, a proposito da memoria (pag. 184). Além disto, nesse momento, a criança é levada á reflexão; a evidencia dos proprios erros a faz hesitar, e gera a timidez mental: começa a critica da propria conducta — começa a criança a reflectir realmente.

19. O desenvolvimento psychico é uma verdadeira formação evolutiva, relativamente rapida, e onde não se encontram, nos momentos que se succedem, dous perfeitamente eguaes, nem absolutamente diversos. Quer dizer: não ha, no caso, nem transformações, nem *avatars*. O espirito realisa a sua organização segundo as tendencias normaes á especie. No emtanto, já o reconhecemos, ha phases characteristics, nessa evolução, phases em que os processos se aceleram e as aquisições se multiplicam. Duas, especialmente, se fazem notar, e se devem assignalar. A primeira corresponde ao periodo em que a criança, com seu aparelho cerebral completo, começa a conhecer, e acode, com os poucos elementos phoneticos que possui, a indicar e nomeiar os seres que vai distinguindo em conhecimentos directos, pois que — são experiencias proprias. Devido ás condições especiaes de plasticidade cerebral, esses conhecimentos vão influir nas experiencias futuras, mas devem ser substituidos em grande parte, e correspondem aos que Baldwin chamou de *conceptos do primeiro gráo* — “experiencias particulares e que são representativas das cousas em geral”. A segunda phase coincide com essa conjunctura em que a mentalidade infantil, desencantada de si mesma, desconfiada do valor das suas generalizações, em plena socialização, absorve os conhecimentos geraes, ideias e noções, que lhe são transmittidas, e substitue, por isso, grande parte das suas represen-

tações. Na generalidade dos casos, a criança aceita e procura taes conhecimentos porque só desse modo os póde adquirir, pois é bem certo que — raros são os individuos realmente capazes de elaborar por si mesmo ideias e conhecimentos geraes. A maioria pensa com as ideias que recebe, e que, por essa razão, lhes parecem de um valor absoluto. Taes conhecimentos equivalem aos “conceptos de terceiro gráo”, de Baldwin. Essas duas phases assignalam: as primeiras affirmações *cognitivas* de consciencias que apenas podem conhecer pela distincção immediata dos dados sensoriaes; e as primeiras affirmações geraes de consciencias que começam a empregar a experiencia accumulada da especie. A primeira abre a marcha aos conhecimentos directos ou acquisições pessoaes; a segunda, aos conhecimentos geraes, conscientemente aprendidos e assimilados.

20. Deste modo se forma e se enriquece a mentalidade da criança, ao mesmo tempo que a moralidade se vai definindo. Socialisando-se definitivamente, com o despertar das tendencias sympathicas, torna-se a personalidade infantil cada vez mais accessivel ás emoções moraes, e, de um certo modo, attende ao proprio proceder, desde que se faz sensivel á opinião dos outros. Um dos primeiros e dos mais seguros effeitos moraes da socialisação, é esse reforço de motivos, desenvolvendo a capacidade de “contrôle”. Importa á vida moral, e tambem ao entendimento. E’, primitivamente, timidez e contradicção, pois que já produz a quédia da iniciativa impulsiva; mas já é inicio da vontade reflectida.

Não sejam para admirar as apparentes opposições que acabamos de apontar como caracteristicas da consciencia infantil. Não esqueçámos que ella ainda está longe dessa unificação discriminada e lucida, que torna sensiveis, e até penosas, as contradicções. E’ uma consciencia ainda chaotica. A personalidade existe virtualmente, mas a unidade subjectiva apenas se esboça; ha uma direcção fortemente indicada; no

emtanto, a realisação offerece lacunas — nevoas ou eclipses do *eu*, no processar dos seus elementos representativos.

De que é feito o *eu* da criança?...

De uma successão, nem sempre bem harmonica, de estados de consciencia muito objectivados: processos conscientes, complexos e instaveis — sensações do proprio corpo, sensações dos órgãos externos, lembranças sensoriaes, pensamentos *interessados*, sentimentos de satisfação e de desgosto, impulsos de querer, desejos vivos, resoluções immediatas, ou deliberações esboçadas, decepções... germens de volições... Na maior parte dos casos, todas essas formas se encontram, ou se succedem violentamente, sem que a consciencia deixe de ser, em cada momento, uma unidade vigorosa, com um objecto central bem intenso, ainda que mal definido.

21. Resumindo os aspectos geraes da evolução psychica, não pretendemos fixar-lhe um typo definitivo, nem descrever uma marcha invariavel. Trata-se, apenas, de accentuar alguns factos essenciaes e caracteristicos, apezar de todas as variedades possiveis, dentro das modalidades da especie. O schema que fecha este capitulo (inspirado nos trabalhos de W. James e de Baldwin) lembra o que ha de mais generico e expressivo, no desenvolvimento da personalidade que se affirma.

I. Ha um primeiro periodo que coincide com o tempo da *organisação anatomica* do apparelho cerebral, sob a influencia das excitações oriundas do meio; e, então —

II. constituido inteiramente o cortex cerebral, manifesta-se vivamente a *imitação espontanea*, accusa-se uma forte tendencia a conhecer e ordenar os factos, e uma intuitiva confiança na sequencia logica; donde, como que —

III. uma intima necessidade de *generalisar* e concluir: para agir, para realisar um fim — fazendo ou

desfazendo; e a criança constróe, mesmo destruindo, pois será sempre uma obra; donde —

IV. uma forma de *conhecer nimiamente pessoal*, e um processo de conhecer que é — combatividade, aggressão, confiança no poder constructor; donde —

V. um certo *amor proprio*, uma geral vaidade, desejo de vencer as difficuldades, e receio de ser vencido; donde —

VI. *desconfiança* dos conhecimentos pessoaes, em vista dos desastres; viva decepção de ter errado, e, com isto, o reconhecer a superioridade da experiencia alheia; donde —

VII. observação e apreciação da actividade das outras pessoas; tendencia e *recorrer á experiencia* alheia, e a aprender; donde —

VIII. *amor da approvação*, desejo de conquistar a opinião dos outros; donde —

IX. esforço para *conter e refrear*, nos proprios actos, tudo que possa indispor os animos e alienar sympathias; donde —

X. a *direcção da conducta*, o “contrôle” da actividade, e a conquista da vontade, completando a personalidade.

Resta, apenas, reforçal-a — a personalidade.

21. Desde que a criança, iniciada na linguagem, começa a assimilar a tradição da especie e a aprender, está feita a sua socialisação. A individualidade se desenvolverá até a completa expansão das suas qualidades, mas, na evolução mental, não lhe ocorrerá nenhuma mutação analoga á dos dous annos, ou dous e meio. O mesmo não acontece quanto á vida organica e moral. Dos treze para os dezeseis annos, dá-se a crise da puberdade, que indica o pleno desenvolvimento organico, e que se traduz numa verdadeira crise de affectividade. Terminou a infancia — a formação propriamente dita; existe uma individualidade, um tanto inexperiente embora, mas na plenitude das suas energias, e com a consciencia dos seus interesses. A educação e a tradição orientam as novas manifes-

tações affectivas, de sorte que as tendencias de expansão, que então se pronunciem, espiritualizam-se desdo logo, e o termo da puberdade representa a socialização completa do individuo, e a sua definitiva affirmação moral. Um facto de tal extensão não poderia deixar de ter influencia sobre a vida mental, como estimulante e como direcção. Os novos sentimentos que se esboçam repercutem fortemente sobre a imaginação, activam a intelligencia, e lhe offerecem novos themes de pensamento. Ao mesmo tempo, occorre, no joven individuo que já se sente expandir, a viva necessidade de ser autonomo. A crise affectiva se complica, então, de luctas moraes — surtos de rebeldia ou revoltas interiores, contra as formulas de dependencia domestica, porque a personalidade que "se quer dar" — precisa, antes de tudo, sentir-se senhora de si mesma. Neste momento, a noção do proprio *eu* é uma representação bem explicita na consciencia do individuo.
